

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2025-01-30

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Saldanha, J. L. P. de (2024). Antes do Centro Champalimaud: A doca de Pedrouços e o arquitecto Paulo Henrique de Carvalho e Cunha. In Paulo Tormenta Pinto, Ana Brandão (Ed.), Os grandes trabalhos e o desejo da cidade de exceção: Duas décadas de transformação urbana e arquitetónica em Portugal. (pp. 205-213). Porto: Circo de Ideias.

Further information on publisher's website:

<https://www.circodeideias.pt/produto/os-grandes-trabalhos-e-o-desejo-da-cidade-de-excecao/>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Saldanha, J. L. P. de (2024). Antes do Centro Champalimaud: A doca de Pedrouços e o arquitecto Paulo Henrique de Carvalho e Cunha. In Paulo Tormenta Pinto, Ana Brandão (Ed.), Os grandes trabalhos e o desejo da cidade de exceção: Duas décadas de transformação urbana e arquitetónica em Portugal. (pp. 205-213). Porto: Circo de Ideias.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

ANTES DO CENTRO CHAMPALIMAUD. A DOCA DE PEDROUÇOS E O ARQUITECTO PAULO HENRIQUE DE CARVALHO E CUNHA

José Luís Possolo de Saldanha

Introdução

O Centro Clínico Champalimaud em Pedrouços, projectado por Charles Correa, foi inaugurado a 5 de Outubro de 2010, onde recentemente se acha acompanhado pelo Centro para o Estudo do Cancro do Pâncreas Botton-Champalimaud. Ambos foram construídos em terrenos sob jurisdição da Administração do Porto de Lisboa (APL), antes ocupados por edifícios afectados à exploração da Doca de Pedrouços. Neste processo de substituição, pouco ou nada foi dito ou escrito sobre o amplo conjunto edificado em torno daquela doca de pesca, integralmente projectado por Paulo Henrique de Carvalho e Cunha, um dos projectistas portugueses com maior volume de obra construída em Portugal no século XX, mas que permanece essencialmente ignorado pela historiografia da arquitectura portuguesa.

O presente artigo procura, justamente, aprofundar o conhecimento da obra de Paulo Cunha, em particular para a infra-estrutura industrial de Pedrouços, que foi a maior alguma vez realizada para o sector da pesca em Portugal. Sustentou-se a investigação, sobretudo, em fontes primárias, quer na forma desenhada – com maior incidência em documentação conservada no Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra (APLSS) – quer na forma escrita, de entre a qual se destaca o arquivo à guarda da família de Paulo Cunha.

Formação e Percurso Profissional – “O Pioneiro do Planeamento Portuário”

A entrevista a Paulo Cunha, realizada por Pedro Vieira de Almeida e Fátima Ferreira (Almeida & Ferreira, 1989), permanece o trabalho mais desenvolvido de investigação sobre ele. Intitulada “O Pioneiro do Planeamento Portuário”, nela, lê-se que o entrevistado nasceu na Póvoa de Varzim a 6 de Setembro de 1909, mas “cedo veio para a capital, onde, concluído o Liceu, ingressou na Escola de Belas-Artes de Lisboa em 1927” (Almeida & Ferreira, 1989:23), ao qual se seguiu o necessário tirocínio de dois anos, realizado com Carlos Ramos entre Novembro de 1933 e 16 de Outubro de 1935 (Cunha a, 1968:1) -, e prestação de provas públicas. Em atelier próprio, Cunha seria, por sua vez, patrono do tirocínio do arquitecto Manuel Maria Laginha (1919-1985).

Cunha foi membro do Gabinete do Arquitecto-Chefe da Exposição do Mundo Português, José Ângelo Cottinelli Telmo (1897-1948) – em cujo contexto projectou o arranjo da Praça/Jardim Afonso de Albuquerque, frente ao Palácio de Belém. Foi um dos fundadores das Iniciativas Culturais Arte e Técnica (ICAT) em 1946 e Secretário-Geral do histórico 1º Congresso dos Arquitectos Portugueses, realizado em 1948.

Em 1936, realiza um estudo para o Porto de Setúbal que despertou interesse do Ministro Duarte Pacheco (1900-1943), levando-o a ser convidado a participar no arranjo da Estrada Marginal Lisboa-Cascais (Almeida & Ferreira, 1989:25). Os edifícios administrativos do porto de Setúbal terão sido concretizados de acordo com aquele

estudo¹ e a sua colaboração, em regime eventual, com a autoridade portuária sadina prolongar-se-ia no tempo, surtindo, por exemplo, o pequeno e elegante abrigo no Jardim Engenheiro Luís da Fonseca, de frente para o Sado, ou o robusto edifício do Cais 3 do porto, na Avenida Jaime Rebelo², construído em 1940.

Cunha mereceu breve referência na tese de doutoramento de Margarida Sousa Lôbo, apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto e publicada em 1995 (Sousa Lôbo, 1995:141 e 142) e verbete no Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à Actualidade, de José Manuel Pedreirinho, publicado em 1994, cuja segunda edição, actualizada, de 2017, cita já Sousa Lôbo e Ana Vaz Milheiro (Pedreirinho, 2017: 104 e 105). Esta última baseia-se também no Jornal dos Arquitectos (JA), mas ainda em investigação própria nas realizações urbanísticas e arquitectónicas nas antigas colónias portuguesas em África, particularmente quanto aos projectos e passagem de Paulo Cunha pela Guiné-Bissau (Vaz Milheiro, 2008: 4 e 5 e 2012: 12), no contexto de que recolhe testemunhos do arquitecto Francisco Castro Rodrigues (1920-2015). Nenhuma dessas referências inclui, contudo, data e local de óbito do arquitecto: Lisboa, em 16 de Dezembro de 1995 - um ano após a 1ª edição do livro de Pedreirinho, e no próprio ano do doutoramento de Sousa Lôbo.

O Porto de Pesca de Pedrouços

Pelo começo dos anos 1930, o engenheiro António Bello apresentou “uma proposta para se encarregar da elaboração de um projecto de um porto de pesca e de uma doca para embarcações de recreio a oeste da Torre de Belém”, perante a qual o Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, mandou “celebrar contrato com o proponente para aquele efeito” (Decreto-Lei nº. 40 764: 1362 e 1363).

A concessão da exploração da Doca de Pedrouços, determinada ao nível do Governo com o Decreto-Lei nº. 40 764, de Setembro de 1956, originaria a DOCAPESCA - Sociedade Concessionária da Doca de Pesca, S.A. A concessão, na qual foram outorgantes a Administração Geral do Porto de Lisboa (AGPL) e a DOCAPESCA, foi contratualizada a 9 de Janeiro de 1961. Não incluía os terrenos onde o Instituto de Biologia Marítima e Investigação das Pescas – actual sede do Instituto Português do Mar e da Atmosfera - IPMA – seria construído, mas abrangia o local onde a Escola de Pescas se edificou – igualmente com projecto de Paulo Cunha – onde seria substituída pelo edifício de Charles Correa.

Porém, se por 1955 já estava construída a doca - cuja largura inicial de 140 metros proposta pelo engenheiro Bello, seria afinal concretizada com 162 metros – faltavam-lhe ainda as obras terrestres e, ainda-por-cima, pouco depois foi decidida a sua extensão de 480 metros para quase 550 metros (no cais acostável mais longo, a Norte). Paulo Cunha envolvera-se, desde 1956, principalmente nos estudos deste novo porto de pesca (Cunha, 1968 a: 6), do que a figura 1 dá provas, ao revelar arranjo com formalização ainda inicial dos edifícios e ligação rodoviária, inferior à ferrovia, a Algés, mas que não chegou a executar-se.

¹ Do qual foram consultadas peças no APLSS.

² Ficha S100091 no Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal: 112.

O primeiro estudo de programa das instalações da lota – na verdade, um plano de todas as instalações terrestres da doca – de Paulo Cunha tem memória descritiva de 13 de Agosto de 1957³, mas a elaboração de projectos e construção dos seus edifícios estendeu-se durante a década de 60, em que ocorreu a inauguração solene do porto, a 29 de Junho de 1966 (Comemorações do XL Aniversário da Revolução Nacional: 167). Contudo, de acordo com o nº 185 do Boletim do Porto de Lisboa, apenas o sector do arrasto – embarcações para pesca de peixe grosso, em alto mar – para ali foi então transferido, servindo a base de armamento do Porto de Lisboa, cuja produção se estimava em mais de 80% da tonelagem daquela arte de pesca (Cunha b, 1968: 4). As instalações terrestres, integralmente projectadas por Cunha, já construídas pela AGPL, eram a Lota, Edifícios para os Comerciantes e Higienização de Caixas, Serviços Sociais (que incorporava barbeiro), Instalações da Guarda-Fiscal e Instalações das Autoridades Marítimas (Idem: 6) - estando ainda por construir os edifícios para os Armadores, Armazéns Gerais, Lota da sardinha e pesca artesanal e Administração e Serviços Gerais (o qual não chegou a construir-se).



Fig. 1 - Porto de Pesca. Doca de Pedrouços. Autor: Paulo Carvalho Cunha/AGPL, D.S.T - Serviço de Arquitectura. Data de produção: 01/04/1956. Fonte: Arquivo Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra; Ref. PT.APLSS.BARREIRO.1.K2.003.002.

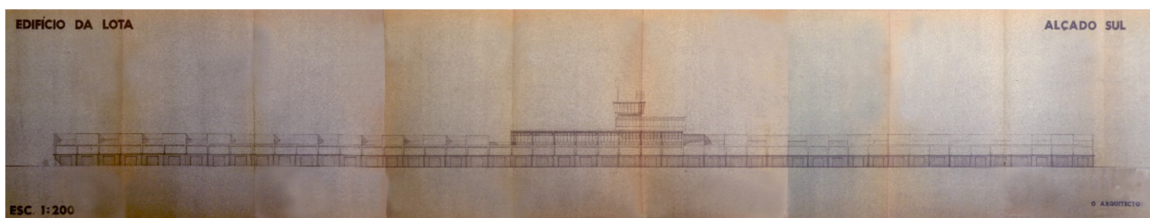


Fig. 2 - Edifício da Lota. Alçado Sul. Escala 1/200. Autor: Paulo Carvalho Cunha/AGPL, D.S.T - Serviço de Arquitectura. Data de produção: 15/08/1957. Fonte: Arquivo Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra; Ref. PT.APLSSS.PL. 04-05.01.00449

³ Plano Geral PT.APLSSS.PL.04-05.01.00449



Fig. 3 - Corpo central do edifício da Lota, visto de norte. Autor: Desconhecido. Data de produção: 1968. Fonte: Agenda da Pesca, 1968, p. 10

Cabia à DOCAPESCA, em conformidade com a Base V dos anexos ao Decreto-Lei nº. 40 764 (Decreto-Lei nº. 40 764: p.8), construir as instalações de frio, para as quais Paulo Cunha elaborou portentoso projecto⁴, do qual sobressaía um volume cúbico, e edifício mais alto da doca (figura 5), cuja sobriedade platónica faz lembrar a arquitectura de Adalberto Libera (1903-1963) e antecipa a do seu compatriota Aldo Rossi (1931-1997). Pressupondo pela entrevista dada à JA – a propósito de analogias com a arquitectura de Willem Marinus Dudok (1884-1974), no abrigo projectado por Cunha para o porto de Setúbal – isso poderá ter sido apenas uma coincidência, por ficar a impressão, sobre o arquitecto português, de se tratar de projectista fundamentalmente pragmático, não muito interessado nas *novidades-do-dia* na arquitectura internacional, pelo menos nessa fase da sua carreira.

Ao concessionário, competia ainda construir o conjunto das oficinas, o posto abastecedor de lubrificantes e combustíveis para viaturas – cujo anteprojecto, de Paulo Cunha, data de 9 de Agosto de 1962⁵ – e um depósito de combustível para embarcações, que não parece ter chegado a construir-se no local previsto, tendo-se antes executado, no ângulo interior da doca a sudoeste, um tambor cilíndrico metálico para esses efeitos, que não terá merecido projecto de arquitectura.

De entre todo o conjunto de Paulo Cunha, sobressaíam arquitectonicamente a Escola de Pesca e o actual IPMA, em registo funcionalista com sistema construtivo e métrica cuidadosamente controlados, onde não faltam evidências da desenvoltura criativa do autor. Pela vocação terciária, qualidade de detalhe, materiais e construção – visíveis ainda no primeiro edifício – ambos superaram as soluções robustas e pragmáticas das construções ligadas ao porto de pesca, onde se destacava o incrível edifício da lota, cujo alçado sul, que se aprecia na figura 2, possuía 294 metros de comprimento (a frente do Convento de Mafra tem 222 metros, e a do Terreiro do Paço 196). A lota desdobrava-se em dois membros, quase idênticos, articulados ao meio por um volume que se elevava a

⁴ PT.APLSS.PL.00-05.01.00510

⁵ PT.APLSS.PL.04-05.01.00518

quatro pisos (figura 3), o qual incorporava diversos serviços da DOCAPESCA, como a pagadoria no piso térreo, onde os comerciantes pagavam os lotes arrematados antes de proceder à sua recolha.

Aspecto particularmente expressivo no edifício da lota eram as longilíneas galerias elevadas, apoiadas em pilares de betão em “V” que percorriam a extensão completa dos 294 metros do edifício, a partir das quais, em verdadeira *promenade architecturale*, os compradores podiam observar, superiormente, os lotes de pescado em licitação (figura 4). Essas galerias ainda podem ser vistas, em ambas as alas da lota, entretanto descontinuadas pela demolição do corpo axial que as articulava, realizada já depois da inauguração do edifício original do Centro Champalimaud.



Fig. 4 - Interior da Lota, mostrando a "promenade architecturale" para visualização dos lotes de pescado. Autor: Desconhecido. Data de produção: s.d.. Fonte: Arquivo Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra. Ref. PT.APLSS.PL.02-0303A1.2.166

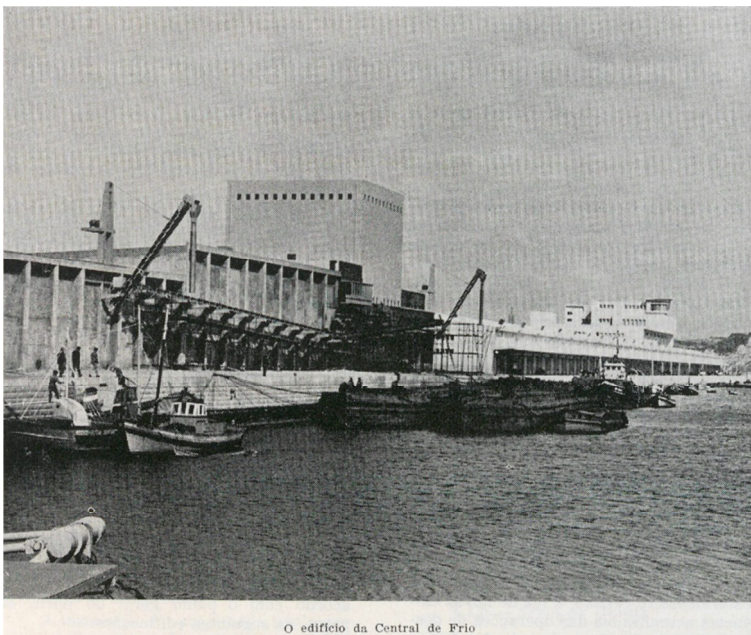


Fig. 5 - O edifício da Central de Frio, vendo-se o da lota em fundo. Autor: Desconhecido. Data de produção: 12-1968. Fonte: Boletim do Porto de Lisboa, nº 185: 3



Fig. 6 - Identificação das instalações terrestres da doca. Autor: José Luís Saldanha. Fonte: Colagem de fotografias obtidas no Bingmaps.

A Candidatura Portuguesa à America's Cup de 2007 e o Encerramento do Porto de Pesca de Pedrouços

O triunfo da equipa suíça Alinghi na edição da America's Cup de 2003 teve por consequência que a equipa vencedora não pudesse defender o troféu conquistado em sede própria, porque o seu país não dispõe de costa marítima. O sindicato Alinghi colocou então a concurso o local na Europa que deveria receber a competição de 2007, ponderando as condições apresentadas pelos concorrentes para o seu campo de regatas, infra-estruturas de suporte, apoios institucionais e contrapartidas. O Clube Naval de Cascais apresentou candidatura, cujas instalações terrestres e náuticas se deveriam concentrar, sobretudo, na Doca de Pedrouços, onde o porto de pesca, lota e edifícios circundantes seriam compulsivamente desactivados, por determinação governamental, dada a importância “nacional” da candidatura. Essa Resolução do Conselho de Ministros, presidido por José Manuel Durão Barroso, fixou-se a 28 de Maio de 2003 em Diário da República⁶.

Seguidamente, o Governo português publicou nova Resolução, na qual declarou o interesse público da candidatura, mas também da “reconversão e requalificação urbanística da área de domínio público situada entre Pedrouços e Dafundo sob jurisdição da Administração do Porto de Lisboa”⁷. Neste quadro, impôs a referida resolução:

⁶ Resolução do Conselho de Ministros n.º. 77/2003

⁷ Resolução do Conselho de Ministros n.º. 162/2003: 6985.

[D]esde logo, a desocupação e a reconversão das instalações concessionadas pela Administração do Porto de Lisboa à DOCAPESCA, ao abrigo dos Decretos-Leis n.ºs. 40 754, de 7 de Setembro de 1956 e 197/86, de 18 de Julho, justificando-se assim a extinção de todos os direitos de uso privativo que recaem sobre os bens de domínio público localizados na faixa ocidental da cidade de Lisboa entre Pedrouços e Dafundo.

Contudo, a decisão da Team Alinghi recaiu noutro favorito para receber as regatas: a cidade de Valência. Essa decisão, desfavorável à candidatura portuguesa, anunciada no mês imediato à Resolução n.º. 162/2003, não inverteu, contudo, aquela tomada sobre a Doca de Pedrouços.

Conclusão

A Resolução n.º. 162/2003, de 20 de Outubro de 2003, teve por consequência que o estuário do Tejo e, mais especificamente, Lisboa, deixassem de contar com qualquer porto de pesca, descarga de pescado por grosso, ou lota, por primeira vez na sua História. A presença da DOCAPESCA S.A. na Doca de Pedrouços, onde a empresa nascera em 1959, está hoje reduzida à partilha – com a empresa FORMAR (herdeira da Escola de Pescas) – de metade do seu belo, e bastante adulterado, antigo edifício de Serviços Sociais.

A Fundação Champalimaud foi inicialmente alheia a todo este processo, pois a sua criação, por António Champalimaud, foi anunciada após o falecimento, em 8 de Maio de 2004, desse empresário. Acabou, porém, beneficiada pelas determinações do governo de Durão Barroso, de que nomeadamente resultou a demolição da Escola de Pescas.

A maioria dos edifícios de Paulo Cunha para a Doca de Pedrouços (conforme se apreciam na figura 6) – e outros posteriores, de autoria alheia, para a DOCAPESCA – foram sucessivamente demolidos, alguns dos quais dando recentemente lugar ao Centro Botton-Champalimaud. Resta, como memória mais expressiva da obra de Cunha, o edifício do IPMA, mas ainda o edifício dos Serviços Sociais e o das Autoridades Marítimas (que se encontra devoluto). No presente artigo, procurou preencher-se a lacuna de conhecimento existente sobre aquela infra-estrutura e seu autor.

Bibliografia

Agenda da Pesca (1968). Lisboa: Sociedade do Jornal do Pescador.

Anteprojecto - Oficinas, garagem e parque, Docapesca, SARL (Agosto de 1962). Arquivo da Administração dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra, Ref: PT.APLSS. BARREIRO.PL.04-05.01.00518.

Comemorações do XL Aniversário da Revolução Nacional (1969) Lisboa: Presidência do Conselho.

Cunha, P. (1968 a) *Curriculum Vitae*, manuscrito dactilografado.

Cunha, P. (1968 b) Porto de Pesca de Lisboa. *Boletim do Porto de Lisboa, Ano XVIII – Outubro-Novembro-Dezembro número 185*. Administração-Geral do Porto de Lisboa, Lisboa.

Decreto-Lei n.º. 40 764 (1956). *Diário da República, I Série, número 191, 7 de Setembro de 1956*: 1359-1373.

Estudo das Instalações terrestres do Porto de Lisboa. Doca de Pedrouços (Abril de 1956). Arquivo da Administração dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra, Ref: PT.APLSS.BARREIRO.1.K2.003.002.

Estudo de programa das instalações da lota (Agosto de 1957). Arquivo da Administração dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra, Ref: PT.APLSS.BARREIRO.PL. 04-05.01.00449.

Instalações Frigoríficas, Docapesca, SARL, Arquivo da Administração dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra, Ref: PT. APLSS.BARREIRO.PL.00-05.01.00510.

Ordem dos Arquitectos Portugueses (2006) *Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

Pedreirinho, J.M. (2017) *Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à Actualidade*. Edições Afrontamento, 2ª edição revista e aumentada.

Resolução do Conselho de Ministros n.º. 77/2003 (2003) *Diário da República, I Série-B, número 123, 28 de Maio de 2003*: 3272 – 3273.

Resolução do Conselho de Ministros n.º. 162/2003 (2003) *Diário da República, I Série-B, número 243, 20 de Outubro de 2003*: 6985.

Sousa Lôbo, M. (1995) *Planos de Urbanização. A Época de Duarte Pacheco*. DGOTDU e FAUP Publicações, Porto.

Vaz Milheiro, A. (2008) *As coisas não são o que parecem que são*. Porto: Dafne Editora.

Vaz Milheiro, A. (2012) Guiné Bissau. Porto: Circo de Ideias.

Vieira de Almeida, P.& Ferreira, F. (1989) Entrevista a Paulo Henrique de Carvalho e Cunha. *Jornal dos Arquitectos número 89*, rubrica “Testemunhos”.